



DIÁLOGOS SOBRE CONCEPÇÃO DE CORPO DE UM GRUPO DE MULHERES DO MST¹ NO ASSENTAMENTO LUÍS CARLOS PRESTES E MIRITUIA-PARÁ NA AMAZÔNIA PARAENSE².

Rayanne Mesquita Estumano³

Amanda Nascimento Modesto⁴

Vera Solange Pires Gomes de Sousa⁵

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar a concepção de corpo constituída junto a um Grupo de Mulheres do Mst. A metodologia utilizada foi a Etnomedologia. A coleta de dados se deu através da observação e entrevistas. A conclusão do estudo registrou o corpo como identificador cultural, forma de expressão cultural, que não somente carrega a cultura da mulher camponesa, mas ajuda na sua construção e transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamento; Mulheres; Corpo;

INTRODUÇÃO

Esse estudo refere-se a um estudo de caso da concepção de corpo do Grupo de Mulheres no Assentamento Luís Carlos Prestes em Irituia-Pará. A padronização dos corpos femininos e a consequência do envolvimento entre o corpo mercadoria, corpo consumidor e corpo consumido. O corpo mercadoria fica evidenciado na mídia expondo principalmente o corpo feminino, apresentando acessórios, produtos de beleza e etc., buscando o lucro como nos diz Bourdier (1987, p.99) o corpo e a aparência juvenil são, no Brasil, um verdadeiro capital. O corpo consumidor é aquele que consome essa gama de produtos, extrai como verdadeiro aquilo que lhe coloca como real para ser “igual” e belo aos moldes atuais. Nesse sentido, desenvolver um trabalho que contribua para a sensibilização, reflexão, ação contra hegemônica perante a lógica capitalista, tendo como foco principal o corpo da mulher num movimento social na Amazônia.

Na sociedade ocidental contemporânea, o corpo tornou-se objeto de exposição, admiração e desejos (LE BRETON, 2003, p.184). Dá-se início à padronização ferrenha do corpo, pois o corpo exerce domínio sobre os aspectos da vida, não

1 Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

2 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

3 Universidade do Estado do Pará (UEPA), rayestumano@hotmail.com

4 Universidade do Estado do Pará (UEPA), anmodesto54@gmail.com

5 Universidade do Estado do Pará (UEPA), soldurui@hotmail.com

havendo nada que não esteja dominado pela “imagem corporificada do corpo” (DANTAS, 2002, p.02) e não restaure a globalidade de um padrão a ser seguido. Esta padronização é reflexo da autoconsciência social (BARON, 2004, p. 57). Diante do exposto analisamos a relevância de compartilhar as etapas significativas para o registro do que falam as Mulheres do MST no Assentamento.

METODOLOGIA

Estudo de Caso. Pesquisa com Abordagem Qualitativa. Buscamos retratar a realidade social. A opção pela Etnometodologia pautada em Coulon (1995, p.30), pois nos permite registrar as minuciosidades do objeto. Para a completude elencamos a entrevista, o diário de bordo. Inspirados em Taylor (1984, p.131), Haguette (1992, p.224), Goldenberg (2009, p. 16- 85) respectivamente.

O GRUPO DE MULHERES DO ASSENTAMENTO LUÍS CARLOS PRESTES: DIÁLOGOS DE UMA PECULIARIDADE DO SER MULHER MILITANTE DO MST.

O Grupo de Mulheres constitui uma peculiaridade, a organicidade da comunidade afetiva⁶. No compasso da vivência com a militância orgânica, elas são esclarecidas quanto a luta pela terra e a importância da participação feminina nos encontros da coordenação local. E tal posicionamento é ressaltado na fala da Assentada 1:

(...) eu não sabia nada de reforma agrária, ao vir pra cá, foi que eu fui saber o quanto de terra existe improdutiva... isso é triste... a terra precisa produzir, se vocês forem lá no meu lote, vai ver que bonito já tá o milho crescendo (...).

Escrever sobre corpo e mulheres do MST é também escrever sobre a trajetória dessas mulheres na conquista pela terra. Pois a terra é o eixo da relação nas conversas, nas reuniões e também reflete no corpo. A terra é rito e, sendo rito, é cultural. Sendo cultural, é humano. Sendo cultural, rito e humano, sua proximidade com a educação é necessária, haja vista que a educação participa de rituais de aprendizagens.

De acordo com Bourdieu (1999, p.32-33), o corpo feminino ao longo da história tomou uma conotação simbólica dos valores da dominação masculina e isto inferiu a todos os segmentos da sociedade. No Brasil, por exemplo, é alto o índice de reparações estéticas. O eixo dessa perspectiva é o capital, o corpo como forma de consumir e ser consumido. E referentes a dominação masculina, já há teóricos que discutem sobre gênero no MST, entretanto, é pertinente um debate contínuo sobre corpo e as inferências das trocas simbólicas.

A VIDA COTIDIANA E DESCORTINAMENTOS DO GRUPO DE MULHERES DO MST DO ASSENTAMENTO LUÍS CARLOS PRESTES E A RELAÇÃO COM SEUS CORPOS.

O que difere a ação do Grupo de Mulheres do MST no Assentamento Luíz Carlos Prestes segundo o que observamos na pesquisa é a forma como os princípios do MST é concebido. Grupo exercita uma relativa autonomia sobre a criação do conhecimento. Em segundo lugar, esse conhecimento sobre o MST não atende

⁶ Nos referimos com este termo, a relação de íntima afetividade que possibilita superar os impasse se barreiras materiais, assim como as questões de cunho emocional, auto estima e auto valorização.

apenas a uma necessidade. Ele é o movimento de um pequeno grupo que se expande em planejamento para um projeto de formação para a cidadania.

Portanto, destacamos, nesse contexto, o corpo – a sua constituição e sua bagagem cultural:

(...) o meu corpo é meu escudo (...) no momento da luta, o meu corpo é como uma armadura (...) procuro pensar no coletivo, pois no MST nossa luta é coletiva. Eu posso ter a minha terra, mas se o companheiro não tem, a luta continua. (Assentada 2).

Evidencia-se, a partir de sua fala, um corpo diferenciado fundamentado na ação do sujeito que infere suas inscrições na criação, causas e nas formas de ver a realidade.

Ao tratar, no seu discurso, Bordieu (1987, p. 100) faz referência ao poder simbólico e como este pode ser engendrado segundo o que é proposto no contexto do sujeito. Sendo assim, analisamos que a referência feita aos sujeitos e suas histórias são sentidas e compartilhadas no Grupo de Mulheres no prisma de que o sujeito é o ponto de partida para toda a jornada de lutas. Nesse sentido, o corpo como elemento de trabalho se dá no compartilhamento de histórias de vidas. Pois o trabalho é o eixo da construção na coletividade e com a coletividade, deste modo à formação humana vai acontecendo, e o sujeito também constitui seu corpo numa singularidade, porém isto só é possível quando nos desvelamos perante a nós mesmo, mas, isto só ocorre quando nos relacionamos com o outro pois segundo ao perceber o outro, eu me vejo e, ao ver-me, desvelo máscaras e isso só dá na relação com o outro, Baron (2004, p. 56).

DIÁLOGOS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DAS MULHERES NO MST SOBRE CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO: FALAS SIGNIFICATIVAS DAS MULHERES.

Para Assentada 3:

O corpo é uma forma de ensinarão filho, a maneira de manejar a terra, pois quando ela está no lote, procura sempre mostrar qual a melhor forma para atorara lenha como machado, o manejo com as galinhas e tudo que tem a ver com a sua vida diária.

No mesmo sentido, porém com outra fala a Assentada 4 cita:

O nosso corpo mostra para nossos filhos o cuidado que devemos ter com a higiene, com a saúde que é a partir do corpo que também orientamos os cuidados necessários para a sobrevivência.

Assentada 5 por sua vez diz que:

O corpo é complexo, pois às vezes a gente fala uma coisa e faz outra, e isto é muito confuso.

A Assentada comenta e sugere que possam construir uma bandeira simbólica para a Jornada de Lutas do Abril Vermelho, em que todos possam exercitar outras formas de viver o contato com o corpo além do trabalho no lote. O ato de educação pressupõe neste caso, um diálogo com as mais variadas posições referentes à

educação, pois foi preciso argumentação e persuasão para envolver o Grupo. Daí compreender que a cultura permeia a constituição de uma sociedade e não há como falar de corpo sem citar a questão cultural.

Para o Coletivo de Autores (1992), a cultura está ligada diretamente ao aprendizado corporal, tendo a expressão corporal como linguagem que deve ser assimilada para a compreensão da realidade (DAOLIO, 1995, p.105). Desta forma podemos observar a cultura não mais com um produto da sociedade em que se encontra, mas como fator determinante desta sociedade, influenciando suas práticas, construindo, modificando e, ao mesmo tempo, sendo construída e modificada.

Essa necessidade de fazer uma contextualização de como e porque está sendo possibilitado um diálogo se dá devido o conhecimento concebido referente ao conceito de corpo, o qual é norteador por motivações internas e externas. Que, juntamente com “o modo como ele se manifesta no dia a dia de nossa expressão sociocultural, precisa tornar-se consciente para entrarmos no processo de autodeterminação” (BARON, 2004, p.42).

É com base em Baron (2004, p.43) que defendemos a ideia de nosso corpo-pensante e, de que a nossa história de vida está marcada em nossa pele. E dela propiciar experimentações que emergem a constituição de novos conhecimentos.

Ao tomarmos consciência de nosso corpo-pensante, a atuação sobre o corpo se revela em pressupostos que foram constituídos por nós em nossas experiências ou pela luta que defendemos, uma educação em que a escrita não é o eixo norteador do registro do conhecimento. A sensibilização disso vem no sentido de expor potencialidades aquilo que só nós, seres humanos temos intrinsecamente em compartilha com o outro.

Daí na coletividade ocorre às possíveis superações através da experimentação da vivência do corpo numa outra dimensão, da criação, do elaborar registros sobre si mesmo em compartilhamento com o outro. Não podemos desvincular o corpo da cultura, havendo desta forma a necessidade de citar aspectos culturais ao falar da construção do corpo. Daolio(1995, p.105-106):“O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte”. Com este destaque dialogamos com a possibilidade de darmos um passo inicial sobre o corpo e suas apreensões no MST do Acampamento Luís Carlos Prestes em Irituia-Pa.

A partir da observação podemos afirmar o corpo como identificador cultural, forma de expressão cultural, que não somente carrega a cultura da mulher camponesa, mas ajuda na sua construção e transformação. A cultura transmite e modifica através de seu corpo, não apenas sob um único prisma, mas dentro de diferentes olhares sociais, visto que o corpo é construído de forma diferente por cada sociedade, de acordo com a forma com que foi sendo utilizado ao longo da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditasse na possibilidade do papel libertador da Educação Física como espaço de reconstrução deste corpo exaltado que não é o mesmo com o qual vivemos, mas um retificado, redefinido para atender padrões sociais estabelecidos

como ideais. Nesse ponto, resgatar a cultura do corpo torna-se um desafio dentro da Educação Física.

Anunciamos a possibilidade dos professores e graduandos de Educação Física desenvolver através de práticas pedagógicas, a sensibilização em nós e junto aos nossos pares. O hábito crítico-reflexivo diante da realidade de corpo vivido na busca da emancipação e a mudança de corpo objeto para corpo sujeito. Assim, a tão sonhada autonomia em relação ao corpo (e não só ao feminino) estaria mais próxima de ser alcançada, de forma a promover sua ressignificação e combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos.

DIALOGUES ABOUT CONCEPTION OF CORPS OF A GROUP OF WOMEN OF THE MST IN THE SEATING LUÍSCARLOS PRESTES IN IRITUIA-PARÁ IN THE AMAZON PARAENSE

ABSTRACT: The study aims to analyze the conception of corps constituted in a group of women of the MST. The methodology used was the Ethnomedology. The data was collected from observation and interviews. The conclusion of the study registered the corps as a cultural identifier, a form of cultural expression, which not only carries the culture of the bucolic woman, but also helps its construction and transformation.

KEYWORDS: Seating; Women; Corps;

DIÁLOGO SOBRE DISEÑO DEL CUERPO DE UN GRUPO DE MUJERES DE MST ENLACOLACIÓN LUÍS CARLOS PRESTES EN IRITUIA- PARÁ EM LA AMAZONPARAENSE

RESUMEN: El estudio tiene como objetivo examinar El diseño del cuerpo hecho em um grupo de mujeres de la MST. La metodología utilizada fue la Etnomedología. La recolección de datos se realiza a través de La observación y entrevistas. La conclusión Del estudio registro El cuerpo como un identificador cultural, una forma de expresión cultural, que no solo lleva la cultura de La mujer campesina, pero también ayuda en la construcción y La transformación.

PALABRAS CLAVES: Asientos; Mujeres; Cuerpos;

REFERÊNCIAS

BARON, D. **Alfabetização cultural**: a luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

BOGDAN, R.; BIRKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia no Ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

COULON, A. **Etnometodologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

DANTAS, E. R. **O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação multirreferencial**. Dissertação (Mestrado) PPGE, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFRN, Natal, 2002.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências

Sociais. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HAGUETTE, M. T. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3.ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEBRETON, D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. **Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da JEPE**. v.12.n.1. p.181-189. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

TAYLOR, E. B; BOGDAN, R. **Introducion as los métodos investigativos**. Buenos Aires: Paidós, 1984.